

## PREFÁCIO

Com a apresentação dos textos deste primeiro número da *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus II, cabe ressaltar a tarefa crítica dos autores em (des)ordenar a estrutura dos signos da cultura logocêntrica, em revelar um modo de realçar o contínuo gesto de leituras, tendo em vista o dispositivo da racionalização do poder hegemônico. Sendo assim, o cenário dessa coletânea condiciona prestar debates com o intermédio das textualidades que se desdobram em temas com os quais desafiam, provocam e instigam a crítica cultural.

Em suas dimensões teóricas e políticas, as abordagens não deixam de pensar sobre os vínculos que circulam a onda pós-estruturalista professada pelo artefato discursivo em que suscitam reações ao caráter epistemológico de tons essencializados, às questões que envolvem identidades culturais, as diversidades de gênero e de sexualidades, como também reflexões para aquelas identidades que norteiam as representações sociais, as raciais e mesmo ao sistema de imagens que compõem e recompõem a lógica do discurso. Posicionar o sentido da diferença e da subalternidade e a complexa relação sujeito, cultura e sociedade nos gêneros textuais e literários são alguns dos questionamentos axiais do empreendimento das análises.

Conviria dizer que todo texto que enreda a palavra na crista da multiplicidade de códigos, na vertigem da desconstrução e nos aportes multiculturais, não deixa de ancorar a experiência intersubjetiva e rastrear o solo das inúmeras referências. Contudo, deve-se ater para o senso de valor na configuração desconstrutivista da ordem das coisas, no caso das inclinações consumistas no exercício da criação artística e crítica, como na própria liquidez da individualidade do sujeito. É nesse front discursivo que os textos, aqui propostos, estão bem próximos da discursividade de Deleuze e Guattari,

ao fazer presente o plano do “devir-minoritário”, que, também, na reversão dos paradigmas normativos, recaptura-se o cânone como gesto de interpretação do literário e das culturas do centro.

Por essa ótica, a grau zero trata de mobilizar o fluxo de conceitos, tendo o objeto da literatura como chave-mestra para exercitar as intervenções de leitores, que dão contorno para pensar o outro, os silêncios, os não-ditos. O interesse em produzir a revista partiu do reconhecimento das conquistas dos alunos do curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural frente aos aportes e aos levantes do conhecimento da crítica cultural, inseridas aí as batalhas históricas que deram no contorcer da linguagem e do poder da cultura oficial. Portanto, a *Grau Zero* assume o papel de comunicar e compartilhar das visões e das interpretações, dos guetos sociais, das margens e das potências hegemônicas, com o objetivo de compreender os tempos de pós-crítica e os espaços de vidas entrecruzadas.

Uma produção assim tem como meta amparar o traço geográfico das rotas que não se quer uníssono, censurante, limitado, restrito. Reconhecer a grau zero requer passar pelo desejo dos desfalques de matizes que sustentam a autoridade literária e revisitar a validade do *pastiche*, que desloca o semelhante para desembocar nos “manifestos” das vozes que giram em torno daqueles que cada vez mais se desconectam na zona do mesmo. Deslocamentos que solicitam a mistura, o colorido das linhas que diferenciam o outro lado que atende a dinamicidade do signo, se orientando para a fluidez e ao gesto de compartilhamento dos sentidos comungados pela dialogicidade dos discursos.

Sem dúvida, como projetam os textos da *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, a adoção de análises que atinge a posição de um crítico cultural está em não desenganar o universo rico e plural das práticas textuais, das políticas de identidades e das representações sociais, pois as leituras que a-

travessam o *corpus* textual da revista, por exemplo, se interligam nas tendências e nos impasses, nas tradições e contradições que enunciam a contemporaneidade. Assim, a revista marca pelo heterogêneo, pelo híbrido e pelo dialógico, de modo que o espaço dessa escrita se pretende na procura de caminhos vitais que conduzem ao pensamento mais fértil e mais indagativo.

Paulo César Garcia